

O governo Tancredo

Brasília

Pela primeira vez, Niemeyer repele as críticas ao Alvorada

ROSANGELA BITTAR

"Durante vários anos o presidente Juscelino morou lá e recebeu visitantes dos mais ilustres. É muito estranho que essas críticas venham de pessoas muito menos requintadas do que o ex-presidente, que sempre gostou do Palácio, uma de suas obras preferidas".

Pela primeira vez, o arquiteto Oscar Niemeyer, através de **O Estado de S. Paulo**, responde às críticas que, desde a posse do presidente Figueiredo, vêm sendo feitas ao Palácio da Alvorada, principalmente por gente que nunca esteve lá.

Dizem esses detratores que o Palácio é mal ventilado, muito frio e muito quente, sem aconchego, que suas famosas colunas têm função apenas ornamental e, até, que os salões sociais são invadidos pelo desagradável cheiro dos alimentos em preparação na cozinha.

"O Palácio da Alvorada" — diz seu criador — foi o primeiro projeto que fiz para Brasília, com todo o carinho, e corresponde às suas finalidades. Pode-se instalar ar condicionado, mas isso não é necessário. Os quartos têm janelas que se abrem para o nascente e os salões abrem-se para os dois lados, sendo fácil regular a ventilação. Quanto ao cheiro da comida, isso é tão ridículo que nem vou responder. É um prédio simples, com arquitetura horizontal, feito assim no sentido das antigas fazendas. E é tão bom, que um francês da Sorbonne disse que foi o primeiro palácio construído depois da Renascença".

Para Niemeyer, a idéia de morar nas granjas, que vem prevalecendo nos últimos anos, é uma demagogia a que ninguém mais dá atenção.

LAGOS, FLORES E FRUTOS

Situado às margens do lago Paranoá, em uma península que se estende a nordeste da praça dos Três Poderes, o Palácio da Alvorada foi construído em 14 meses, no período de 3 de abril de 1957 a 30 de junho de 1958, antes da inauguração da cidade. Suas colunas revestidas de mármore itálico picotado, estão separadas por espaços de dez metros e interligadas por elementos curvos, o que dá ao Palácio leveza e aparência de estar suavemente pousado sobre o solo. A entrada principal está orlada por dois lagos e um amplo jardim gramado, e, na parte posterior, há árvores ornamentais e frutíferas.

O bloco principal do Palácio, onde se situa a residência oficial do chefe do Governo, tem uma projeção de 110x30m, com 7.300 metros quadrados de área construída. Ali existem três pavimentos. No andar superior, localiza-se a parte íntima da residência. Há uma suíte presidencial, com dois quartos, um quarto de vestir, dois banheiros, uma sala e um gabinete. E, ainda, três apartamentos completos, com dois quartos e um banheiro cada um, além de sala de jantar, salão de beleza, barbearia, rouparia e alojamentos do pessoal de apoio. As janelas dos quartos são amplas e, da suíte presidencial, as portas levam a uma sacada de onde se descortina o lago e uma agradável paisagem ao nascer do sol.

No subsolo localiza-se a casa de máquinas, a central telefônica, a lavanderia, a garagem, o alojamento do pessoal de serviço, a enfermaria, a cozinha (com dois fogões industriais, três fornos e churrasqueira) e um cinema-teatro com capacidade para 50 espectadores que ficam confortavelmente instalados em poltronas de cor caramelo, fixadas sobre um tapete verde.

O andar térreo é a parte social da residência, por onde se tem acesso pela porta principal do Palácio ou pelas escadarias que ligam ao subsolo. O vestíbulo é amplo, com paredes de placas de alumínio dourado. Uma rampa conduz ao salão nobre, que é, na verdade, uma sucessão de três salões onde estão dispostos jogos de sofás brancos e um piano preto de meia cauda, marca Grottrian-Steinweg.

No piso há tapetes brancos e tapetes persas. O assoalho é de tábuas de jacarandá, de nove centímetros de largura. A maioria das paredes é de vidro, e há, portanto, poucos quadros: de Djanira, Manabu Mabe e Di Cavalcanti, além de tapeçarias de Concessa Colaço. No centro do andar estão também três altas esculturas de Zezinho de Tracunhaem e, sobre as mesinhas auxiliares, algumas antiguidades.

À direita dos salões, encontra-se a biblioteca, ampla e sóbria, apresentando enciclopédias e obras raras em suas estantes, uma extensão da biblioteca da Presidência da República. Na extremidade direita, há uma sala de reunião de ministros, com

poltronas forradas de veludo vermelho, sobre tapete azul. O ex-presidente Costa e Silva foi o último a utilizar esta sala de reuniões. Na extremidade esquerda, um salão de banquetes, em tom verde-musgo tanto nos tapetes como nos veludos que cobrem as cadeiras, com capacidade para cem pessoas.

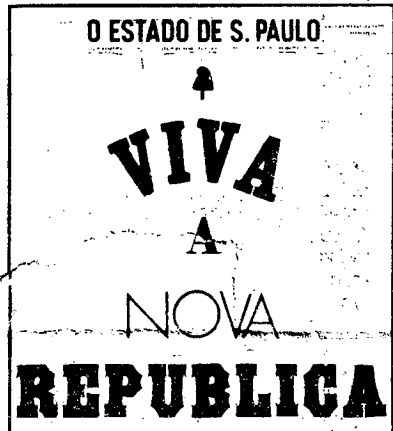
Amplas portas abrem-se nestes salões, deixando vãos de até seis metros. Os quartos contam com aparelhos de ar condicionado. A louça do Palácio é branca, com uma faixa dourada em que são reproduzidas as colunas que marcam sua arquitetura. E os cristais, nacionais, trazem o brasão da Presidência.

LAGOS E PEIXES

A piscina mede 50x18m, é revestida de azulejos azuis "brenand" e tem bar, vestiário, banheiros e estação de tratamento da água. Em um pequeno lago, situado entre a piscina e o Paranoá, criam-se tucunares e carpas. Ao lado da extremidade esquerda do bloco principal, ergue-se a capela, uma construção em forma de concha, onde se encontra uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, trazida da Catedral de Luziânia, cidade goiana próxima a Brasília, ainda na época do ex-presidente Juscelino. Para acomodar os poucos fiéis, há três bancos grandes e dois genuflexórios forrados de veludo verde.

No espelho d'água da frente, repousa a escultura "As Iaras", de Chesciatti, e, ao fundo, a escultura "Rito dos Ritmos", de Maria Martins.

O ex-presidente Emilio Médici foi o último a abrir os portões do Palácio ao povo, quando o Brasil venceu a Copa do Mundo no México. Depois disso, as visitas foram proibidas, a não ser com autorizações especialíssimas, porque os grupos excursionistas arrancavam, com seus canivetes, lascas de lambris, cortinas e ornamentos, para **souvenir**. Com dona Dulce, que não morou lá, as visitas foram terminantemente proibidas sem exceções, por ordem pessoal dela.



No momento, o Palácio da Alvorada está recebendo nova pintura. A sua única e última reforma foi feita em 1975, para impermeabilização do edifício e retificação do piso, construído em madeira ainda verde, que se retorceu ao secar. O Palácio da Alvorada, segundo seu supervisor-geral, capitão Angelo Boturi, responsável pela administração da residência há 15 anos, é e está perfeitamente habitável, com tudo funcionando.

Nos últimos anos hospedaram-se ali o presidente francês, Charles de Gaulle (para quem foi necessário confeccionar, às pressas, uma extensa cama de madeira, porque sua altura ultrapassava os padrões de comprimento das camas nacionais), o ex-primeiro ministro da Alemanha, Helmut Schmidt, o primeiro ministro japonês, Zenko Suzuki, o presidente norte-americano Ronald Reagan e sua esposa Nancy, o presidente da Alemanha Ocidental Karl Carstens, o primeiro ministro holandês, Rudolphus Lubbers, o primeiro ministro do Suriname, Errol Halibux, os reis da Espanha, Juan Carlos e Sophia, os presidentes Belaunde Terry, do Peru, Miguel de la Madrid, do México, Gregorio Alvarez, do Uruguai, João Bernardo Vieira, da Guiné-Bissau, os reis da Suécia Carl Gustav e Silvia, e o príncipe da Arábia Saudita, Sultan Bin-Abdulaziz.

A futura residência do presidente Tancredo Neves teve, ao longo dos anos, como qualquer residência, a marca dos seus habitantes. O ex-presidente João Goulart mandou construir um corrimão de metal na escada de degraus soltos que conduz ao andar superior do Palácio porque tinha filhos pequenos; Jânio Quadros promovia, aos domingos, retretas nos jardins, animadas pela banda do Batalhão da Guarda Presidencial; com Juscelino, havia serestas, reuniões de ministros e intenso movimento.

Como será com Tancredo Neves?

(Brasília/Ag. Estado)

A Faculdade e a Constituinte

EYMAR MASCARO
Especial para O Estado

Berço tradicional da formação jurídica brasileira, nenhuma outra entidade está tão marcadamente representada nos trabalhos preliminares e no esboço da nova Constituinte do que a Faculdade de Direito da USP. De seus bancos saíram os presidentes das duas casas legislativas do Congresso, o senador José Fragelli e o deputado Ulysses Guimarães. A terceira figura igualmente importante nesta fase de implantação da Nova República — que nasce sob a égide da esperança de uma nova Constituição — também tem sua história jurídica ligada às arcadas do Largo São Francisco: é o presidente da STF, Moreira Alves, que não se formou pela USP mas que pertence ao seu corpo discente, como professor de Direito Civil.

Embora tenha fornecido ao País

mestres que também ajudaram a esboçar instrumentos jurídicos de repressão e da ditadura, como Gama e Silva, autor do AI-5, são conhecidas as lutas de alto espírito cívico da Faculdade de Direito da USP, sobretudo a campanha que nasceu lá dentro, com a Revolução Constitucionalista de 32, quando se destacou uma vez mais a figura do jornalista Júlio de Mesquita Filho. A mesma escola viria a influenciar outros movimentos, como o abolicionista e a própria convocação da Assembleia Nacional Constituinte de 46. Também de suas bancas saíram o monarquista Rui Barbosa, que depois aderiu à idéia republicana, o primeiro presidente civil depois da queda da monarquia, Prudente de Moraes, bem como os presidentes que se seguiram, Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Wenceslau Brás, Washington Luiz e até Arthur Bernardes, que governou o Brasil com o instituto do Estado de Sítio na mão.